

## As percepções do luto no conto ‘O perfume’, de Mia Couto

*Fancliene de Sousa Batista*<sup>1</sup>  
*Edimilson de Sousa Macedo*<sup>2</sup>  
*Ronilson de Sousa Lopes*<sup>3</sup>

### Resumo

Este trabalho tem como ênfase destacar o luto, as perdas e frustrações representados pela personagem Glória, do conto “O perfume”, de Mia Couto. A protagonista, casada com Justino, desenvolve ações de relacionamento que convergem com o desfecho de separação conjugal, retratada no conto e marcada pela opressão e pelo ofuscamento do seu papel de mulher. O foco narrativo revela a triste realidade de muitas mulheres que, independentemente de sua etnia ou raça, classe social ou nacionalidade, convivem diariamente com o seu apagamento existencial, uma vez que o homem, com sua visão machista, solidifica essa realidade. Assim, o papel da mulher na atualidade deve se distanciar do protótipo de submissão representado no conto em análise, pois, à mulher, cabe o papel de ser protagonista das suas próprias ações, vez que é detentora de informações que estão disponíveis no universo da informatização. Embora a realidade atual seja marcada pelos princípios da liberdade e da ascensão social da mulher, verifica-se que muitas delas ainda se submetem ao patriarcado, em que apenas os homens fazem valer seus anseios e direitos. Temos como objetivo analisar a narrativa do conto em relação à realidade atual de muitas mulheres, a partir de uma perspectiva social de Antônio Candido, bem como numa perspectiva histórica, cuja inexistência do eu, sufocado pelo discurso dominante do machismo, silencia a voz feminina. A partir da perspectiva teórica dos estudos pós-coloniais propostos por Edgar Morin, Miguel Neneve, Sonia Sampaio e Albert Memmi, dar-se-á destaque às ideias para esse estudo, que se faz importante pela

---

<sup>1</sup> Professora da Rede Municipal e Estadual do estado Rondônia. Mestranda do PPGL da UNIR.

<sup>2</sup> Mestrando do PPGL da UNIR.

<sup>3</sup> Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Mestrando do PPGL da UNIR.

perspectiva social e pós-colonial que dá voz aos oprimidos e marginalizados.

**Palavras-chave:** mulher; protagonista; luto; resistência.

## The perceptions of mourning in the tale 'The perfume', by Mia Couto

### Abstract

This work has as emphasis to highlight the mourning, losses and frustrations represented by the character Gloria, from the tale "The perfume", by Mia Couto. The protagonist, married to Justino, develops relationship actions that converge with the outcome of marital separation, portrayed in the tale and marked by oppression and the obfuscation of her role as a woman. The narrative focus reveals the sad reality of many women who, regardless of their ethnicity or race, social class or nationality, live daily with their existential erasure, since man, with his macho vision, solidifies this reality. Thus, the role of women today should distance itself from the prototype of submission represented in the tale under analysis, because, to the woman, it is up to the role of being the protagonist of her own actions, since she is the holder of information that is available in the universe of Computerization. Although the current reality is marked by the principles of freedom and the social ascension of women, it appears that many of them still submit to patriarchy, in which only men assert their longings and rights. We aim to analyze the narrative of the tale in relation to the current reality of many women, from a social perspective of Antônio Candido, as well as from a historical perspective, whose lack of self, suffocated by the dominant discourse of machismo, silences the female voice. From the theoretical perspective of the postcolonial studies proposed by Edgar Morin, Miguel Neneve, Sonia Sampaio and Albert Memmi, the ideas for this study will be highlighted, which is important from the social and postcolonial perspective that gives voice to the oppressed and Marginalized.

**Keywords:** woman; protagonist; mourning; resistance.

## 1 Introdução

O presente trabalho traz como problema a seguinte pergunta: Quais são as percepções de luto, de perdas e de frustrações apresentados pela personagem Glória, no conto *O Perfume*, de Mia Couto? Para tal pergunta, temos como hipótese que a personagem Glória consegue obter um desencadeamento de sua alteridade. Esse momento ocorre quando a mesma consegue superar suas perdas, seu luto e suas frustrações, através do resgate do próprio *Eu*.

Quando a temática do luto e das perdas surge nos meios acadêmicos, logo se pensa tratar-se da morte como o processo natural que põe fim à vida no plano material. No entanto, quando se procura fazer uma análise mais amíuade sobre o tema, investigando-o com profundidade, percebe-se que causa espanto e nostalgia, tanto o luto como consequência da perda material da vida, como o *luto* como consequência da perda dos valores e dos direitos imanescentes ao homem como ser natural. A morte pode apresentar conotações diferentes, como a perda de algo que refutamos ser de grande valor na nossa vida. O conto *O Perfume*, de Mia Couto, apresenta uma realidade vivida pela personagem Glória que se estende à realidade social de aprisionamento e de apagamento do *eu*, condizente a muitas mulheres que sofrem caladas a dor da perda dos seus valores e dos seus direitos, sufocados pelo discurso colonizador.

Para isso, se faz necessário estudar o objeto de análise, no caso, caracterizar os personagens dentro do espaço da narrativa, dando enfoque às relações de poder e de opressão da mulher, descrever os símbolos que representam a morte dentro da narrativa, e analisar a construção da mesma, do ponto de vista sociocultural e pós-colonial.

De acordo com a temática pós-colonial, ressaltamos o processo de identidades esquecidas e ignoradas. Dentre as quais está a mulher, essa personificação do feminino, que teve a sua existência subjugada à figura

masculina e ao patriarcalismo. A voz masculina faz-se impor pela força do discurso colonizador, que sobrepuja a liberdade do outro. Isso é perceptível quando o personagem Justino determina, de forma direta: “Hoje vamos ao baile!” Pela maneira como o discurso é colocado, não se trata de um convite, mas de uma ordem. O narrador usa um discurso que anula a própria vontade da personagem Glória. É uma fala que denota uma ordem, que sugere um apagamento da personalidade do outro.

A partir de uma perspectiva pós-colonial, percebe-se que a mulher é vista como alguém que precisa ter vez e voz, pois, por muito tempo, foi marginalizada pelo discurso dominante do colonizador, que sufocou sua vivência e fez prevalecer a voz masculina, que domina e oprime sua essência e seus valores. A esse respeito, Alves (2014) comenta:

A narrativa, ao abordar a temática da opressão feminina, acaba por tocar também na questão do colonialismo, suscitando uma reflexão acerca do processo de dominação. A escrita pós-colonial, ao pensar a questão, acaba por aproximar o feminismo do pós-colonialismo, uma vez que ambos repensam as estruturas do poder, e analisam a questão opressor/oprimido. Os estudos pós-coloniais têm como tônica o fato de privilegiarem os mais fracos e, nesse processo, os segmentos marginalizados ganham expressão, em narrativas que dão vez/voz a camadas desde sempre excluídas, possibilitando uma reflexão sobre aspectos como feminismo, etnia ou cultura. (ALVES, 2014, p. 8).

É passível de se considerar que a literatura pós-colonial enaltece a cultura dos muitos que foram colonizados, e que, de certo modo, estão às margens da sociedade. No entanto, percebe-se que o conto em análise pode servir como elemento de reflexão de uma realidade vivida atualmente por muitas mulheres que continuam subjugadas pelo discurso colonizador, que tem na figura masculina seu elo de dominação e de poder. Esse método de abordagem, que toma como

sujeito do discurso aquele que está no fosso social, aponta para uma realidade que só será compreendida a partir de uma análise da voz do colonizador. De fato, as ideias pós-coloniais dialogam com discursos do passado e do presente, possibilitando uma melhor compreensão da realidade.

É necessário que se contextualize a análise do conto *O Perfume*, de Mia Couto, com foco na realidade presente, para que se possam perceber os dados alarmantes dos noticiários sobre os casos de violência contra a mulher. Isso nos remete a pensar na função do luto, das perdas e das frustrações, a partir de uma vertente literária, com enfoque na atual representação feminina na sociedade, tendo em vista que o cenário midiático nada contribui para uma efetiva mudança nesse panorama de tristeza e de desencanto.

O objetivo deste artigo é despertar no ser humano, principalmente o do gênero masculino, a capacidade de ver o outro como um ser igual, que sente dor e que necessita de cuidados para a continuidade de sua existência.

## **2 Percepção do luto na história**

Para se falar de luto, temos que adentrar um breve histórico da morte e dos seus rituais, e como os vemos em nossa atualidade. Estes, porém, não foram constituídos recentemente, mas adquiriram vários resquícios de outras culturas, passando por várias mudanças desde a antiguidade até a forma em que os conhecemos atualmente.

Esse conjunto histórico teve seus indícios ainda nos tempos antigos, em que o homem não possuía domínio da escrita. Contudo, já havia um cuidado com o moribundo, protegendo-se o seu corpo com pedras. Não se sabe ao certo se seriam para protegê-lo contra os animais ou para que o mesmo não voltasse para o mundo dos vivos.

A história do luto como o conhecemos hoje nos remete para o início do século XIX, em que as exéquias do enterro e da sepultura são resultantes de uma preocupação em abrigar o defunto em um local só seu, onde amigos, familiares e parentes poderiam se despedir e fazerem-se presentes junto ao ente querido nos momentos em que fosse mais conveniente.

Para tal, houve a construção dos cemitérios, que hoje em dia tornaram-se comuns. Foi na França que houve as primeiras iniciativas de levar flores, como nos descreve Áries Philippe (2012, p.65): “Aqueles que não vão à igreja vão sempre ao cemitério, onde se adotou o hábito de pôr flores nos túmulos”, perpassando assim um cuidado prolongado com a morada atual de seus mortos.

Foi nessa época também que houve uma ruptura com a antiga forma de enfrentamento da morte. A questão não era mais a preocupação com sua própria morte, mas sim uma apreensão pela morte do outro. Esse sentimento reforçou a caracterização dos túmulos e dos cemitérios de nossa sociedade.

Segundo a História, os trajes representando o luto pela cor preta foram instituídos no período classificado como vitoriano, dado às circunstâncias da rainha Vitória, em seu reinado posterior à perda de seu esposo Albert, e de seu primo, consolidando assim um luto fechado por três anos e meio, e totalizando, durante o seu reinado, 64 anos vestindo o preto. Esse período ficou identificado, principalmente no meio feminino, como o maior respeito à dor de uma perda, a qual ficou transparecida pela vestimenta.

Posteriormente a esses séculos, o luto, em sua definição, é representado como um conjunto de reações a uma perda significativa, podendo ou não ser pela morte de outro ser, sendo caracterizado também como um apego a algo perdido, como uma pessoa, um animal, uma fase da vida, ou até mesmo um status social.

### 3 Percepção do luto de Glória

Ao analisarmos a narrativa de *O Perfume*, de Mia Couto, em seu livro *Estórias Abensonhadas*, identificamos o luto, as perdas e as frustrações vivenciadas por Glória, primeiro apresentados pela perda de sua identidade, ou seja, a personagem não possui clareza sobre sua etnia, se desfazendo da fala de sua mãe que, com maior autonomia, a declara: “Mulher preta livre é a que sabe o que fazer com o seu próprio cabelo” (COUTO, p. 20).

Glória, porém, não se apropria dessa identidade. Não vê a sua origem como *preta*, mas sim como *mulata*, que em seu significado tende a ser uma característica gramatical, que configura uma pessoa como sendo filha de mãe branca e de pai negro, ou vice-versa. Segundo ela, essa palavra *liberdade* lhe parecia engraçada, e até mesmo estrangeira, o que em certas culturas realmente era de se espantar essa titulação a uma mulher, ainda mais sendo ela negra. Tal condição de liberdade jamais lhe seria constituída, pois a mesma, enquanto criança e moça, rendia obediência a seu pai, e posteriormente a seu marido. Nessa perspectiva, a personagem se entrega sem resistência a essa fase de sua vida, que é o casamento.

Para Thomas Bonnici (2000, p. 231), a relação de colonização entre homem e mulher se dá da seguinte forma: “Em segundo lugar, se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada.”. Ressaltando assim essa submissão apresentada entre o colonialismo e o feminismo, tão presentes na vida da personagem, que se sentia muito longe de alcançar a liberdade narrada pela fala da mãe.

Em continuidade a essa perspectiva de neutralidade frente ao outro, pontuamos o fato da personagem não se preocupar mais com seu aspecto externo, demonstrando características de perda de identidade. Quanto a sua aparência física, a narrativa nos descreve que seu

apagamento sempre foi evidenciado desde a juventude, porém, após o casamento e o nascimento dos filhos, ela não demonstra cuidados pessoais, e tão pouco higiênicos. O autor narra (COUTO, p. 20): “Glória se levantou, ela e o seu vestido se arrastaram mutuamente para o quarto. Incrédula e sonambulenta arrastou o pente pelo cabelo. Em vão. O desleixo se antecipara fazendo definitivas tranças.” Em outras circunstâncias, ela declara: “Perfumei o quê com isso, se perguntou lançando o frasco no vazio da janela. – Nem sei o gosto de cheiro” (COUTO, p. 20). Verifica-se que perpassa na narrativa o quanto Glória deixa a desejar no quesito cuidados consigo mesma, não demonstrando cuidado ou vaidade alguns quanto a seu corpo.

Glória reage aos comandos de Justino com surpresa e apreensão. Temia que fosse uma brincadeira, a qual posteriormente lhe traria um descontentamento, quando ele lhe pede que passe um arranjo em seu rosto. A mesma vê com um assombro a imagem dele no espelho. Ela o reconhece, porém, o seu próprio rosto lhe é desconhecido. Para Alves (2014, p. 3), a descoberta da liberdade e da condição feminina parece-se com a do conto *O Perfume*. Nota-se que a atitude da personagem é decorrente de uma criação em que as noções de prazer e de vergonha se (con)fundem, conferindo-lhe uma culpa associada ao pudor.

Nota-se que Glória, incrédula de sua capacidade, se deixa levar por Justino, o qual, em toda a conjuntura da narrativa, dita os passos a que a esposa deve se submeter. Todo o ambiente é constituído pelo passo à frente, dado pelo colonizador. É ele quem prepara o ambiente e organiza todo o movimento posterior. Ela, alheia a suas precipitações, o questiona: “e os meninos?” Ele responde, com um ar de supremacia, que ela não se preocupasse, que tudo já estaria organizado.

O enredo finaliza em grande despedida e, por certo, no maior luto sofrido por Glória, seu afastamento de Justino. Ela ainda reluta em não se desapegar do marido, não percebendo o desencadeamento que aquela ação traria, pondo fim ao seu relacionamento conjugal. Entre esses atos,

destaca-se na narrativa o fato da não aceitação por Glória quando o homem pede a sua mão para uma dança. Isso nos remete também para o fato de que Justino programara toda uma encenação para demonstrar seu domínio e a submissão da personagem. Posterior a esse evento, ela ainda o questiona: “Onde vai, marido?” Não se dando conta desse enfrentamento que estaria por vir.

Glória não se afastara das descrições remetidas à mulher, conforme relata Schimitt (2010):

Para qualquer mulher, a felicidade e a segurança, inclusive financeira, eram possíveis somente através do casamento. Quanto mais inútil aparentasse, mais indicava a sua posição na hierarquia social, mantida pelo esposo. (SCHIMITT, 2010, p. 98).

Conforme o entendimento exposto acima, a mulher só alcançaria a felicidade e a segurança através do casamento. No entanto, verifica-se que para muitas mulheres o casamento configura-se como um cárcere que aprisiona os sentimentos, a liberdade, a voz e os direitos. Esse discurso colonizador esconde a opressão e o rebaixamento do outro. Percebe-se que Glória é o ponto de partida para que se possa entender a vida de muitas mulheres que se encontram sufocadas pelo casamento, que muitas vezes mais oprime do que liberta. Justino representa o discurso colonizador que ordena, oculta, oprime. Glória é a passividade que obedece, o medo que se faz presente, a verdade sufocada, o oprimido que se cala à desconfiança. Mas, é também resignação, silêncio que fala, feminilidade que renasce.

Percebe-se que Glória não usufrui dos seus direitos naturais, que são inerentes ao ser humano. O marido, porém, após longo tempo de dominação e de opressão, oferece-lhe privilégios que podem ser vistos como mais um instrumento que silencia o outro. Utiliza a festa como

um trampolim que poria fim a um casamento que se tornara um fardo costumeiro. O narrador apresenta a personagem Glória como um sujeito diluído entre a opressão e a busca da liberdade utópica que se esvai como o perfume no ar.

Portanto, as percepções sobre o luto na análise do presente conto são marcadas pelas ações da personagem Glória durante e após o casamento. Durante sua vida conjugal, o niilismo é marca presente, pois a mesma é coisificada pelo marido, sendo um mero instrumento a seu dispor. Ao longo da narrativa, Glória vai passando por um processo de mudança exterior e interior. No segundo momento do conto, após o fim da união matrimonial, Glória, ainda apaixonada, nutre um sentimento de tristeza profunda por ter perdido o marido. Percebe-se que isso ocorre quando Justino se afasta de Glória no salão, e ela acompanha sua partida com o olhar de tristeza. Mas em seguida, ainda triste, ela se despede de Justino, marcando o copo dele com seu batom, para em seguida chegar em casa e esperá-lo ao pé da escada em sinal de humilhação. A transformação da personagem continua. Glória, sentindo o perfume na alma, adentra a casa, ferindo-se em estilhaços, que representam sua vida conjugal, deixando um rastro de sangue que vai configurar o sinal da sua liberdade.

Para Candido (2006, p. 14), a obra deve comunicar-se com seu público para que ela possa alcançar seus objetivos sociais. Como se vê, não convém separar a repercussão da obra de sua feitura, pois sociologicamente, ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e em que atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e, como tal, interessa ao sociólogo. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, neste caso o artista, um comunicado, ou seja, a obra, e um comunicando, que é o público a que se dirige. Graças a isso, define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito.

## 4 Considerações finais

Conforme as estéticas atuais, vivenciamos a desvalorização da vida humana em um momento histórico em que as pessoas não se preocupam com a vida do próximo, e quando esses dados se refletem no gênero feminino, essa percepção é relativamente alta no quesito matrimonial. Apesar do contexto obter uma verossimilhança pela realidade cultural, admitimos que a sociedade atual não exerce a continuidade do outro, e sim o seu apagamento em caráter físico.

A mulher não possui uma representação absoluta, pois, ainda como nos tempos antigos, são bancadas pela figura masculina, ou seja, obedecem aos pais, figura masculina. Casam-se achando que serão independentes, no entanto, a figura de representação só muda de lugar, agora o esposo é o repercutor da voz feminina.

Essa dificuldade de eloquência é vivenciada por Glória, ciente de sua condição de marionete, que não vê esperanças quando a mãe a incentiva a ser dona de sua vida. Ela simplesmente remete que tal condição nunca caberá a ela.

## Referências

ALVES, Tatiana. *O feminino em Mia Couto*. Disponível em: <<http://cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=4118>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ARIÈS, Philippe. *A história da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

COUTO, Mia. *Estórias Abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SHIMITT, Juliana. *Mortes vitorianas: corpos, luto e vestuário*. São Paulo: Alameda, 2010.